

A História de um Ciclone e a Democracia dos Pequenos

The Story of a Cyclone and the Democracy of Small People

Etiene Villela Marroni (<https://orcid.org/0000-0001-8067-5865>) 

<https://lattes.cnpq.br/6400826578762656>

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Cordenadora CEDEPEM

E-mail: etiene.marroni@ufpel.edu.br

Resumo: Este relato pessoal analisa as implicações sociopolíticas de um evento climático extremo, a passagem de um ciclone, no estado do Rio Grande do Sul. Sob uma perspectiva da Ciência Política, a autora problematiza a invisibilidade das populações situadas em municípios de pequeno e médio porte e áreas rurais frente às estruturas de poder dos grandes centros urbanos. O texto denuncia uma forma de “colonização interna” na qual o conhecimento e a soberania dessas comunidades são negligenciados, resultando em uma marginalização que transcende a dimensão ambiental e alcança a esfera democrática. Critica-se, adicionalmente, a mercantilização da crise climática e a romantização de fenômenos meteorológicos que, embora capitalizados pelo turismo e pelo mercado de carbono, agravam a precariedade habitacional e social dos grupos vulneráveis. Conclui-se que a resiliência e a solidariedade local, embora fundamentais para a sobrevivência dessas comunidades, evidenciam a urgência de uma inclusão democrática efetiva que supere as vaidades institucionais e reconheça a existência plena do interior brasileiro para além da lógica de mercado.

Palavras-chave: Emergência Climática; Democracia; Invisibilidade Social.

Abstract: This personal account analyzes the sociopolitical implications of an extreme weather event, the passage of a cyclone, in the state of Rio Grande do Sul. From a Political Science perspective, the author problematizes the invisibility of populations located in small and medium-sized municipalities and rural areas compared to the power structures of large urban centers. The text denounces a form of “internal colonization” in which the knowledge and sovereignty of these communities are neglected, resulting in a marginalization that transcends the environmental dimension and reaches the democratic sphere. Additionally, it criticizes the commodification of the climate crisis and the romanticization of meteorological phenomena which, while capitalized on by tourism and the carbon market, exacerbate the housing and social precariousness of vulnerable groups. It concludes that local resilience and solidarity, although fundamental for the

survival of these communities, highlight the urgency of effective democratic inclusion that overcomes institutional vanities and recognizes the full existence of the Brazilian interior beyond market logic.

Keywords: Climate Emergency; Democracy; Social Invisibility

Relato Pessoal

Escrevo este texto na condição de cidadã brasileira, moradora de uma cidade média do interior do Brasil. Escrevo na condição de pessoa estudada, consciente das mudanças climáticas, do contexto democrático. Mas, escrevo em nome daqueles que mal sabem o que significa ser “democrático”. Que não sabem o que são mudanças climáticas, que não sabem que sua própria ocupação no espaço é fundamental para a soberania e segurança desse país chamado Brasil. Moramos longe, estamos nos rincões, mas sustentamos a democracia, protegemos nossas fronteiras, respeitamos nossa cultura. E, principalmente, respeitamos nosso povo e nossa natureza.

Sim, um ciclone passou. E passou deixando um rastro de destruição. E comunidades mobilizaram-se, municípios pequenos e médios uniram-se para ajudar uns aos outros. Mas, havia gente que morava longe. Muito longe. E ninguém enxergou. Por que não enxergam? Porque somos um país colonizado dentro do nosso próprio país. O Brasil não conhece os brasileiros. E nem os brasileiros conhecem o Brasil.

Sim, um ciclone passou. E passou mostrando que é preciso compreender que estamos falando para milhões e não para milhares. Que os ribeirinhos, os colonos, os indivíduos do interior precisam de voz. Gritamos, mas nossos gritos ecoam no silêncio de quem não quer nos ouvir. Precisamos incluir. Precisamos descer do salto. A invisibilidade daquele que não é visível torna-se trágica. O vento soprava forte, muito forte, mas a mudança não era climática, era do tempo. Tempo de pensar que para mudarmos precisamos incluir, deixarmos vaidades e frivolidades de lado.

Sim, um ciclone passou e mostrou, mais uma vez, o significado da solidariedade. Da comunhão de pequenos bairros, comunidades e cidades. Sim, nossa essência é boa, colaborativa e participativa. Porque temos que ser assim para nos mantermos em pé enquanto cidadãos e cidadãs, longe dos grandes centros e estruturas. Mas, por que temos que nos segurar uns nos outros para nos mantermos em pé? Quem diz onde quem nasce

onde? Precisamos dividir o bolo. Precisamos nos despir das vaidades egocêntricas de quem vive na superestrutura do poder dos grandes centros.

Sim, um ciclone passou. E sim, sabemos que precisamos mudar. Mas, a mudança precisa vir daqueles que acham que tudo sabem. Porque não sabemos tudo. Descarbonizar a economia, vender créditos de carbono, trabalhar em “níveis sustentáveis”. Afinal, para quem é o planeta sustentável? Até o frio é romantizado e capitalizado pelo turismo e, ao mesmo tempo marginaliza aqueles e aquelas que mal tem o que vestir e onde morar. O vento sopra forte e carrega a desilusão de uma inclusão não inclusa. Sim, um ciclone passou. Mas ninguém enxergou. Porque a tragédia dos pequenos não vende. A desilusão dos aflitos é somente lamentada, mas não estagnada. E sobrevive-se, mas não se vive, porque o holofote dos grandes centros não clareia o que não se vende.

Sim, um ciclone passou. E mostrou que o interior existe e resiste. Sim, um ciclone passou.

E estamos cansandos de resistir. Queremos, somente, existir.

Figura 1

Avenida da Praia do Laranjal, Pelotas, RS



Fonte da imagem: Jô Folha, Jornal Diário Popular, Pelotas, RS